

## O DISCURSO DO PRESIDENTE LULA SOB A ÓTICA DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Vanessa Hagemeyer BURGO  
Universidade Estadual de Londrina  
vanessaburgo@hotmail.com

**RESUMO:** Partindo-se do pressuposto de que a língua não é um sistema estático e que a heterogeneidade é constitutiva do discurso, buscamos, neste artigo, discutir as modalidades de variação lingüística presentes nas exposições orais do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Quanto à constituição do corpus, foi gravada uma entrevista transmitida no programa Fantástico, da rede Globo, no dia dezessete de julho de 2005. Vale ressaltar que este trabalho segue o método empírico-indutivo, considerando-se que os segmentos analisados foram obtidos em situação real de interação. O arcabouço teórico é fundamentado em conceitos da Variação Lingüística articulados às formulações da Análise da Conversação e Análise do Discurso. A metodologia apresenta-se, sobretudo, com natureza qualitativa, interpretativa, realizando-se a partir da fala contextualizada e situada (contexto situacional e social). Os textos figuram no plano da língua falada, trazendo, portanto, marcas explícitas de planejamento verbal local.

**PALAVRAS-CHAVE:** *variação lingüística; língua falada; interação*

**ABSTRACT:** Assuming that language is not a static system and heterogeneity is constitutive of discourse, the aim of this article is to discuss several types of linguistic variation which the President, Luiz Inácio Lula da Silva, employs whilst speaking. The corpus is composed of an interview featured by Fantástico, a Brazilian program aired by Globo, a television broadcasting channel, on July 17th 2005. It is important to highlight that this paper follows the empirical-inductive method as the excerpts under analysis were obtained from an interactive situation. This study has a theoretical base grounded in concepts of Linguistic Variation as well as in principles of Conversation Analysis and Discourse Analysis. The nature of the methodology is mainly qualitative and interpretative, comprising of dialogue in a situational and social context. The texts are presented in a format to illustrate how the language was spoken, and they consequently exhibit explicit marks of verbal local planning.

**KEYWORDS:** *linguistic variation; spoken language; interaction*

### INTRODUÇÃO

A língua, embora seja uma atividade social, ainda é vista, por muitos estudiosos, como um sistema de regras que preconiza a obediência aos preceitos normativos da gramática. Essa visão, pautada na existência de uma forma “correta” de falar, desconsidera determinados casos tão comuns no uso concreto da língua. Baseando-se na aceção de que são os usos que fundam a língua, Marcuschi (2001, p. 9) afirma que “falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação”.

O presidente Lula, mesmo pertencendo hoje a um segmento mais favorecido e prestigiado da sociedade, é constantemente criticado por seus “deslizes” no português,

contudo, Bagno (2003, p. 36) postula que “Lula é um usuário extremamente competente dos múltiplos gêneros discursivos que tem à sua disposição – e este é o verdadeiro significado de saber ‘falar bem’ uma língua”.

Sob esse enfoque, observa-se que a língua não é utilizada de forma homogênea por todos os seus usuários, e mesmo individualmente, não é possível dizer que o uso seja uniforme. Um falante pode apresentar diferentes variantes em um mesmo discurso. Diante dessa premissa, não há a exaltação de uma forma lingüística em detrimento de outra, e a variação manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo estabelecida conforme a situação concreta de comunicação e o contexto envolvido.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Língua Falada

Na Língua Falada, existe entre falante e ouvinte, um espaço comum partilhado e um intercâmbio direto, uma vez que os participantes interagem face a face. Na fala, o planejamento é local, ou seja, a produção e a execução se dão de forma simultânea, por isso o texto oral é permeado por fenômenos inerentes ao processo de construção verbal tais como truncamentos, repetições, correções, reformulações e elementos suprasegmentais como pausas, hesitações, entre outros. Trata-se de elementos pragmáticos, ou seja, elementos referentes ao uso e que não devem ser considerados como uma manifestação marginal da língua ou uma forma desestruturada ou desorganizada de linguagem, visto que é preciso levar em conta seu valor funcional, interacional e situacional.

Em conformidade com Marcuschi (2001):

O contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *contínuo das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num *contínuo de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *contínuos sobrepostos*. (MARCUSCHI, 2001, p. 42)

Uma característica significativa da conversação natural é sua imprevisibilidade, pois as decisões são tomadas ao mesmo tempo em que a fala está sendo executada. Além disso, o falante dirige-se sempre a um interlocutor a partir de determinados pressupostos sobre ele, sobre o assunto, sobre a imagem que ele supõe que o interlocutor tenha feito a seu respeito (CASTILHO, 2000, p. 34).

### Variação Lingüística

Com o advento da Sociolingüística, no final da década de sessenta, consolidou-se a concepção de que existe uma relação intrínseca entre língua e sociedade. Encontramos em Labov (1972) a fundamentação dessa relação, juntamente a um modelo de análise que visava a possibilidade de se sistematizar a variação existente na língua falada.

A língua possui fatores internos (a variação é, de alguma forma, regrada por uma gramática interior da língua) e externos (geográficos, sociológicos, contextuais). Nesse sentido, a língua é vista como um instrumento social de comunicação, e que varia de acordo com a sociedade que a usa.

No tocante ao conceito de variável e variantes lingüísticas, Tarallo (1985, p. 8) afirma que “variantes” são as formas lingüísticas em variação. As “variantes lingüísticas” designam, portanto, as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável lingüística’.”

Segundo o autor acima referido:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [O], por *outro lado*, é *inovadora, estigmatizada e não-padrão*. (TARALLO, 1985, p. 11-12)

Há dois tipos de variedades lingüísticas, quais sejam: os *dialetos* e os *registros* (também chamados, por vários autores, de *estilos*). De acordo com Travaglia (2005, p. 42), os dialetos “são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores.” Os registros correspondem às variedades que decorrem “do uso que se faz da língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação” (TRAVAGLIA, 2005, p. 42).

## O Sujeito do Discurso

Focalizando os estudos políticos, salientamos a concepção de Althusser (1985) de que enquanto sujeito, qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção, no qual a ideologia tem por finalidade, constituir indivíduos concretos em sujeitos. Outro aspecto que merece ser realçado é que essa interpelação dos indivíduos como sujeito supõe a existência de um outro sujeito. Diante disso, a linguagem não é mais assentada na homogeneidade, produzida por um sujeito uno, mas o sujeito, nesse momento, compartilha seu espaço discursivo com o outro e, conseqüentemente, acaba por incorporar a ideologia deste outro. Assim, a heterogeneidade se faz presente na constituição do sujeito e isso comporta uma concepção de linguagem também heterogênea.

Pode-se dizer, portanto, que o sujeito é interpelado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente: o sujeito, então, é ele, mais a complementação do “outro” (não só o destinatário, mas também a voz de outros discursos historicamente constituídos) e mais o inconsciente. Os processos discursivos não se originam no sujeito, e sim na formação discursiva<sup>12</sup> com a qual o sujeito se identifica, e isso nos leva a pressupor que o que existe é a forma-sujeito da formação discursiva com a qual diferentes posições de sujeito se relacionam socialmente. A maneira como determinada posição-sujeito se relaciona com a forma-sujeito destaca a dispersão do sujeito e a heterogeneidade da própria formação discursiva.

O sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que acredita ser *um*, é constituído de *não-um*, apontando para uma contradição interna que o caracteriza. Na noção Althusseriana, esta ambigüidade constitutiva se revela colocando o sujeito que se situa entre uma subjetividade livre, sendo responsável por seus atos, e uma subjetividade assujeitada, destituída de liberdade. O sujeito não é, por conseguinte, totalmente livre e nem totalmente assujeitado, ele se move entre o espaço discursivo de *um* e do *outro*, entre o a ilusão de ser origem do sentido e o caráter polifônico da linguagem.

## ANÁLISE DO CORPUS

Devido à crise política que o governo vem atravessando ultimamente, o presidente Lula, em uma entrevista cedida na França, posiciona-se em relação aos problemas enfrentados:

(a) [...] de um lado você tem uma série de denúncias que naquilo que diz respeito à possibilidade de investigação do governo nós estamos fazendo mais do que já foi feito em qualquer outro momento da história do Brasil ... e tem um problema grave porque

1 O termo Formação Discursiva refere-se àquilo que, “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*”. (PÊCHEUX, 1997, p.160)

toda vez que você combate a corrupção e sab/ ela aparece mais na imprensa e passa prá sociedade a impressão é que tem mais corrupção extatamente porque você tá combatendo tá?... nesses vinte e nove meses de governo mais de mil pessoas foram presas no Brasil ou seja presas de verdade por sonegação por tráfico de corrupção nós vamos continuar utilizando todo o potencial que o Estado tem para fazer o que precisa ser feito no Brasil meus adversários ãh ãh ãh ãh devem ter ficado um pouco indignado que éh todas essas denúncias de corrupção não chegou ao governo [...]

Os dialetos correspondem às variações que existem em função da classe social da qual pertencem os sujeitos inscritos nos atos de fala. Incluem-se nessa esfera de variedade lingüística determinados usos que identificam diversos grupos sociais. Um exemplo disso é o emprego do pronome “nós”, que é bastante difundido no meio político e freqüentemente utilizado por autoridades para legitimar o papel de representantes do povo. Trata-se de um “nós” utilizado no lugar de um “eu” visto como uma equipe e não como um só governante. Na sociedade, os dialetos sociais podem exercer uma função de identificação, já que, por meio deles, é possível que os diferentes grupos se reconheçam, preservem sua imagem e se protejam em relação aos adversários.

Como observamos, no segmento (a), o pronome “nós” se enquadra muito bem no contexto político. Isso ajuda a criar um efeito de sentido ligado a um trabalho coletivo, realizado em conjunto, afastando, assim, a idéia de uma responsabilidade direta e única sobre certos contratemplos. É uma maneira bastante conveniente para a preservação da própria imagem ou a de seu grupo, sendo, portanto, um recurso de natureza sociodiscursiva.

Há, ainda, o uso de “sab/” (sabe), “prá” (para) “tá” (está), tá (marcador conversacional de busca de aprovação e preenchimento verbal) que são formas freqüentemente encontradas na língua falada, uma vez que essa modalidade apresenta certas diferenças de estilo em relação à língua escrita. Segundo Camacho (1988, p. 34-35):

Sendo a variação estilística o resultado da adaptação da forma lingüística específica do ato verbal, relativamente às circunstâncias em que se produz, é evidente que tantas são as variedades quantas são as situações momentâneas em que se realiza atividade verbal. Nesse sentido, cada ato lingüístico apresenta um estilo específico [...] Não há dúvida que a modalidade escrita como forma de expressão verbal pressupõe sempre um certo grau de reflexão por parte do indivíduo [...] nem por isso, entretanto, as noções se confundem ou se correspondem estritamente, visto que se pode observar as manifestações da variação estilística tanto numa como noutra modalidade [...].

Ressaltamos a falta de concordância e os recursos que denotam preenchimento verbal e hesitação em “*meus adversários ãh ãh ãh ãh* devem ter ficado um pouco *indignado* que *éh* todas essas *denúncias* de corrupção não *chegou* ao governo”, que, de acordo com autor citado acima,

o grau de consciência às formas cultas, que a norma convencional imprime numa comunidade lingüística, é maior na modalidade escrita” em função das possibilidades de reformulação textual. Na língua falada, esse estilo mais refletido se torna menos freqüente, mesmo que o falante se encontre em uma situação de alto grau de formalidade, “pelas próprias limitações que lhe impõe a memória. (CAMACHO, 1988, p. 35)

De igual forma, assinalamos alguns exemplos de variações de uso coloquial:

(b) [...] “na verdade era um momento em que a gente ... estaria colhendo... aquilo que nós plantamos em dois mil e três ou dois mil e quatro” [...]

(c) [...] “nós esperamos que se cada instituição cumprir ca sua parte... nós também resolveremos isto... [...]

(d) [...] “se você quiser ser sério você só pode fazer aquilo que é possível fazer... cê num pode inventá cê num pode gastá o que cê num tem cê num pode fazer populismo de prometer coisas que você não vai conseguir fazer” [...]

(e) [...] “muitas vezes dentro de casa... um filho quando pede dinheiro po pai e que o pai diz não tenho dinheiro sabe... ele sai diz pos amigos olha... meu pai não me deu dinheiro meu pai não sei das quanta” [...]

(f) [...] “é importante lembrar que tamém não é a primeira vez que no Brasil ãhn:: tem uma CPI ou seja... nós gostamos muito de CPI” [...]

Nos trechos acima, podemos perceber que a linguagem oscila entre graus de maior e menor formalidade conforme a intenção e o efeito de sentido pretendido pelo enunciador. Há a recorrência de formas consideradas de acordo com a norma-padrão ou norma culta<sup>23</sup>, como: “nós”, “também”, “vamos”, “você”, entretanto, em alguns momentos, são utilizadas variedades menos prestigiadas ou estigmatizadas, porém, muito usadas no âmbito da língua falada, como “a gente” (mais informal), “ca sua parte” (variação fonética de “com a”), “cê” (informal), “num” (alteração fonética de “não”), “gastá”/“inventá” (apócope do “r”), “po pai”/“pos amigos” (variação fonética de “para o/os”), “tamém” (assimilação fonética), “nóis” (epêntese). Sabendo que o presidente foi ex-metalúrgico e sindicalista, seu discurso tende a apresentar marcas que sejam reconhecidas pela grande massa de trabalhadores, talvez como uma estratégia de identificação com o povo, principalmente com aqueles que não tiveram acesso à escolaridade.

Apesar de estar implícita a noção de que essas variantes são amplamente utilizadas por usuários que habitam a zona rural ou possuem um baixo grau de instrução, é válido lembrar que essas formas, com efeito, são constantemente empregadas por indivíduos pertencentes aos centros urbanos no cotidiano da comunicação, sobretudo no campo da conversação. Esses expedientes nos remetem, ainda, à idéia de uma aproximação com o interlocutor, portanto, intencional. Ademais, marcadores conversacionais com função de envolvimento do ouvinte, como no caso (e) “olha”, e planejador e preenchedor verbal em (f) “ãhn::”, se mostram muito úteis para esse tipo de propósito sócio-interacional.

É relevante observar, ainda, o fato de que certas formas populares, como “não sei das quanta”, além de serem extremamente informais e muito freqüentes na oralidade, podem ser, também, um fenômeno inconsciente, natural do meio social no qual Lula esteve inserido por muito tempo de sua vida e que pode ser evidenciado na linguagem, especialmente espontânea, em que há menor grau de reflexão lingüística. O presidente, no entanto, pertence atualmente a uma outra esfera social, logo, está inscrito em uma formação discursiva também diferente. A expressão “não sei das quanta”, então, contribui para demonstrar a heterogeneidade enunciativa, a voz do “outro”, do discurso popular que entrecruza o discurso político. Isso cria o efeito de proximidade com o ouvinte, tentando convidá-lo a se identificar com o discurso do falante. Passa-se uma imagem de que o enunciador também faz parte da população que utiliza uma linguagem mais corriqueira, mesmo sendo uma autoridade, o Presidente da República.

No que tange à origem simples do político em questão, Markun (2004, p. 15) assevera que Lula “oscilou entre motorista de caminhão-tanque e bombeiro, foi vendedor ambulante, engraxate e office-boy, antes de sentir-se o dono do mundo ao receber meio salário mínimo por mês, envergando o macacão azul de operário”. O autor, estabelecendo uma comparação com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, observa que:

Um é poliglota, o outro volta e meia escorrega nas concordâncias do português. Um considera a leitura uma grande prazer; o outro tem preguiça de ler. [...] Um joga pôquer, o outro, truco. Um bebe uísque e vinho, o outro, cachaça. [...] Um escuta ópera, música clássica e, eventualmente, jazz. O gosto do outro alcançou as árias popularizadas por Pavarotti, depois de apreciar Altamar Dutra, Nelson Gonçalves, Roberto Carlos, Elis Regina, Chico Buarque e, mais recentemente, baianos e sertanejos. [...] Um não gosta do contato físico com estranhos [...] O outro cultiva a proximidade e se expande nos cumprimentos, passando um braço pelas costas do interlocutor e batendo várias vezes em seu peito com a mão espalmada. (MARKUN, 2004, p. 15-16)

2 No dizer de Castilho (1988, p. 53), “há um conceito amplo e um estrito de norma. “No primeiro caso, ela é entendida como um fator de coesão social. No segundo, corresponde concretamente aos usos e aspirações da classe social de prestígio”. Adotamos, também, a noção de norma-padrão que, segundo Bagno (2003) serve para designar o modelo ideal de língua, mas que está fora e acima da atividade lingüística dos falantes.

(g) [...] “e *vamo* ver sabe se os nomes aparecem e se as provas... aparecem para que as pessoas possam ser punidas” [...]

Acerca da variação social, no caso de “vamo”, Camacho (1988, p. 32) expõe que “a execução de O em lugar de (s) em verbos como **vamos** (...) é também de natureza social sendo a ausência de fricativa alveolar mais comumente observável entre indivíduos de baixo nível social”. A saber, o nível sócio-econômico do enunciador não é o único fator que determina essa modalidade de variação, ou seja, pode haver a combinação de vários aspectos que subjazem a diversidade lingüística social, quais sejam: a faixa etária, o sexo, o grau de educação, entre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua falada, por ser planejada localmente, apresenta determinadas marcas de espontaneidade que podem causar a impressão de uma atmosfera mais informal, menos reflexiva lingüisticamente. Apesar de se tratar de uma entrevista de repercussão nacional, cedida por uma autoridade discursando sobre assuntos extremamente sérios, e esse contexto já implica em um grau maior de formalidade, a própria condição física propicia o abrandamento dessa formalidade, uma vez que os interactantes (repórter e entrevistado) encontram-se em um jardim e não em um plenário ou outro tipo de espaço mais cerimonioso.

Observou-se que o sujeito tem a ilusão de ser origem do que diz, isto é, possui a ilusão de autonomia. Porém, acaba se descentrando devido ao fato de existirem outras vozes que entrecruzam seu discurso, o que denuncia sua natureza heterogênea. O sujeito é, portanto, incompleto, contraditório e fragmentado. Não sendo dono de seu dizer, quem fala é o outro a partir desta heterogeneidade constitutiva. O sujeito, assim como algumas vezes é assujeitado, pode, entretanto, chegar à superação de sua sujeição por sua experiência própria, ou seja, não há assujeitamento completo como também não existe liberdade total. Existe uma consciência e liberdade que não são totais, mas possíveis. Dessa forma, as possíveis escolhas partem de uma tensão entre a liberdade e as condições sociais, culturais e ideológicas que determinam os sujeitos.

A rigor, os fatores de natureza social e os de cunho estilístico não se articulam de maneira dicotômica, eles se entrecruzam e se conjugam, resultando em marcas lingüísticas que podem denotar momentos mais formais ou menos formais em um mesmo discurso. Podem, ainda, ser associadas a características provenientes de uma dada comunidade ou meio social e sua maneira de pensar e agir, as quais se refletem na linguagem, evidenciando variações de natureza multifacetada, conforme observamos na fala do presidente. Nesse sentido, o indivíduo transforma-se, como diz Bechara (1997, p. 14), em um “poliglota dentro de sua própria língua”, capaz de escolher e adequar a variedade lingüística, os recursos e o estilo às diversas situações enunciativas dentro de um dado contexto de produção discursiva, de acordo com suas intenções enunciativas.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAGNO, M. **A Norma Oculta – Língua e Poder na Sociedade Brasileira**. 2. ed. São Paulo. Parábola Editorial. 2003. In: D.E.L.T.A. São Paulo. Vol. 20, Nº 1, p. 181-196. 2004.
- BECHARA, E. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CASTILHO, A. T. Variação Lingüística, Norma Culta e Ensino da Língua Materna. In: **Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º Graus**. São Paulo, SE/CENP. Vol. 3, p. 53-60. 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Língua Falada no Ensino de Português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CAMACHO, R. G. A Variação Lingüística. In: **Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º Graus**. São Paulo, SE/CENP. Vol. 3, p. 29-41. 1988.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala Para a Escrita: Atividades de Retextualização**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARKUN, P. **O Sapo e o Príncipe – Personagens, Fatos e Fábulas do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

TARALLO, F. **A Pesquisa Socio-Lingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma Proposta para o Ensino de Gramática**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

---